

O MITO FUNDACIONAL NA CULTURA GAÚCHA: UMA INTERPRETAÇÃO À LUZ DE STUART HALL

Luis Carlos Borges dos Santos¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo problematizar, a partir da análise que Stuart Hall (2006) levanta sobre o processo da construção do mito fundacional, em sua obra intitulada *A identidade nacional na pós-modernidade*. Para tanto, objetivamos, neste texto, provocar algumas reflexões sobre o processo fundacional da cultura gaúcha. Partindo das provocações que Hall (2006) levanta sobre esse processo de identidade nacional, procuramos construir nossa interpretação da formação da cultura gaúcha, partindo das seguintes perguntas: Será que a cultura gaúcha também não seria imaginada? Que elementos teriam sido inventados nesta tradição? Quais são os mitos fundacionais? Procuramos, neste texto, não desconstruir o que já está consolidado, mas, sim, provocar o senso crítico que a cultura nos coloca.

Palavras-chave: Identidade nacional. Cultura gaúcha. Estudos culturais.

RESUMEN

Este artículo tiene por objetivo problematizar a través del análisis que Stuart Hall (2006) plantea sobre el proceso de la construcción del mito fundacional en su obra titulada: *La identidad nacional en la pos modernidad*. A tal fin, queríamos hacer algunas reflexiones sobre el proceso fundacional de la cultura gaucha. Partiendo de las provocaciones que Hall (2006) plantea sobre este proceso de identidad nacional, procuramos construir nuestra interpretación a través de la formación de la cultura gaucha, a través de las siguientes preguntas: ¿Será que la cultura gaucha tampoco sería imaginada? ¿Qué elementos habrían sido inventados en esta tradición? ¿Cuáles son los mitos fundacionales? Buscamos en este texto, no desconstruir lo que ya está consolidado, sino provocar el sentido crítico que la cultura nos plantea.

Palabras clave: Identidad Nacional. Cultura Gaúcha. Estudios Culturales.

1 INTRODUÇÃO

Na obra do teórico cultural jamaicano Stuart Hall, *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006), o autor analisa a crise na pós-modernidade, que tem como objetivo, contemplar os conceitos de sujeito e identidade. No tocante à obra, há um cenário crítico em torno da noção de identidade nacional. O autor (2006) cita a figura

¹ Mestrando em Ambiente e Sustentabilidade - UERGS, Pós-Graduando em Educação e Cultura - UERGS- Graduado em História - FAPA.

do inglês, por exemplo, que tem suas características nacionais, porque foi criado uma atmosfera de representações em torno dessa identidade nacional, definindo padrões, símbolos, modo de pensar e de agir. Partindo das provocações de Hall sobre a identidade nacional, apontamos algumas perguntas: será que a cultura gaúcha também não seria imaginada? Que elementos teriam sido inventados nesta tradição? Quais são os mitos fundacionais?

O livro traz um cenário em torno da noção de identidade cultural que construímos e representamos. Vamos colocar à baila a ideia de que a construção da cultura gaúcha seria imaginada. Como podemos propor os aspectos que Hall (2006) traz sobre a narrativa da nação tendo como pano de fundo a cultura gaúcha?

Segundo o autor, a narrativa da nação é contada e recontada nas histórias e nas literaturas, na mídia e na cultura popular. “Essas fornecem uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais” (2006, p. 52).

2 A TRADIÇÃO (RE) INVENTADA: PRIMEIRAS PROVOCAÇÕES

Na História do Rio Grande do Sul, principalmente, quando nos referimos à corrente filosófica do Positivismo de August Comte como pilar da construção e representação de seus heróis, deparamo-nos com uma construção do imaginário da cultura gaúcha com seus feitos heroicos. Dessa forma, tendo como análise o que Hall (2006) traz, como a narrativa da nação, como é contada e recontada, fornecendo bases para os rituais nacionalista, que glorificam, os triunfos de uma nação e seus heróis.

A exemplo desses rituais nacionalistas, temos o 20 de setembro, data comemorativa que conta história por meio de um povo forte aguerrido e bravo, negando, de certa forma, a história dos excluídos, valorizando as elites políticas, como “salvadores da pátria”. Sobre isso, todas as culturas/nações são comunidades imaginadas *a priori* quando vamos tratar do conceito desenvolvido pelos autores em questão. A cultura gaúcha seria mais uma delas nesse aparato teórico. Partindo de Saussure, segundo o qual códigos simbólicos e seus significados preexistem a nós, a comunidade imaginada estação-nação também está operando no mundo da linguagem simbólica, portanto, quando nascemos, já estamos suscetíveis a esse

imaginário, inseridos nesse conjunto de simbolismos e jogos de identificação que a nação e seus membros nos propõem.

Outro ponto que Hall (2006) traz sobre essa cultura imaginada temos presente na cultura gaúcha é a Tradição. Para o autor, “Tradição inventada significa um conjunto de práticas, de natureza ritual ou simbólica que inculta certos valores e normas de comportamento através da repetição” (2006, p. 54). Ao encontro dessas ideias, temos os Centro de Tradição Gaúchas (CTGs) que incutem normas e rituais, como construção da identidade gaúcha que visa a um homem do pampa, valente, forte, um “personagem mitológico”.

Quando se nasce no Rio Grande do Sul, querendo ou não, é-se brasileiro e gaúcho, mesmo que a vida o leve a caminhos de identificações diferentes. Talvez, no futuro, o indivíduo venha a não se identificar mais com tais nomenclaturas indenitárias. A cultura gaúcha é inventada na medida em que é uma especificidade da cultura brasileira como um todo. Se pensarmos que a cultura nacionalista brasileira é inventada/imaginada, a cultura gaúcha, por absorção, também será.

Acerca da cultura gaúcha, podemos fazer diversas reflexões. A saber, o tradicionalismo gaúcho é um movimento recente², mas, se pensarmos na cultura gaúcha no conjunto de práticas e costumes da região sul do Brasil, evidentemente, são fenômenos muito mais antigos.

O movimento tradicionalista gaúcha tem seu mito fundador na “Revolução” Farroupilha de 1835. Grafamos entre aspas o “Revolução” por ser um termo em discussão na historiografia. O evento é tratado em outros lugares do Brasil como mais uma das Revoltas Regenciais. Por ter sido uma revolta protagonizada pela elite do charque, foi a revolta mais duradoura do Império brasileiro e adentrou o Segundo Reinado em 1845. No desfecho da Revolta, os seus líderes foram reincorporados ao exército brasileiro, outros foram exilados. Nesse sentido, podemos questionar a “real” subversão que o termo Revolução emprega para o evento ocorrido de 1835-1845. Mas, afinal de contas, como se deu a apropriação da memória do “fato” histórico “Revolução Farroupilha” para ser transformado no mito fundador do

² Centros de Tradições Gaúchas: entidades criadas a partir de uma metáfora da estrutura das grandes fazendas de pecuária, cujos membros se reúnem em torno da preservação das tradições gaúchas. O primeiro, criado em Porto Alegre em 1948, serviu de modelo para centenas de outros espalhados pelo RS, pelo Brasil e exterior, consolidando o que, em 1966, foi oficialmente chamado de Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), organizado como uma federação de CTGs (BRIGNOL, 2004).

tradicionalismo gaúcho? A resposta para essa pergunta não é fácil, mas está em torno da temática da disputa do regional (RS) e do nacional (Brasil), os interesses da elite local para o projeto republicano rio-grandense.

Hall (2006) traz, para entendermos a identidade nacional: “[...] está lá na verdadeira natureza das coisas algumas vezes adormecida, mas sempre pronta para ser acordada de sua longa, persistente e misteriosa sonolência [...] os elementos essenciais do caráter nacional permanecem imutáveis, apesar de todas as vicissitudes da história” (p. 53). Esse forte nacionalismo que o gaúcho traz em sua história é sempre visto pelas lentes do homem do campo, trabalhador, honesto, imagem que foi construída durante anos nas raízes sul-rio-grandense. No entanto, a história do Rio Grande do Sul não traz essa figura mitológica tão expressiva. O gaúcho era visto como um homem livre, sem paradeiro: “[...] homem livre e errante que vagueia soberano sobre seu cavalo” (OLIVEN, 2006, p. 97), ou seja, era conhecido pejorativamente como um “homem qualquer”, sem referências. Destacamos a definição de Haesbaert (1997): “[...] o termo gaúcho, que passou de expressão depreciativa, associada a predadores ou ladrões de gado, para a qualificação positiva como o centauro dos pampas” (HAESBAERT, 1997, p. 61-62).

Outro ponto que Hall aborda é a Tradição inventada, “[...] que significa um conjunto de práticas de natureza ritual ou simbólica, que buscam inculcar certos valores e normas de comportamentos por meio da repetição, a qual, automaticamente, implica continuidade com um passado histórico adequado” (2006, p. 54). Para isso, percebem-se os símbolos de uma criação da identidade gaúcha, símbolos da cultura gaúcha que surgem como forma de fortalecimento da identidade, a fim de diferenciá-la das outras. Temos como exemplo o chimarrão, bebida típica da cultura gaúcha, carregada de simbologia, desde seu preparo até o seu consumo, visto que em sua origem é indígena e vagamente é lembrada nas rodas de chimarrão, sendo “absorvido” pelo povo gaúcho e deixando ao esquecimento as raízes de sua história. Outro ponto que destacamos sobre a cultura imaginada é a música gaúcha, em cujas letras aparece a história das revoluções, dos generais, do gaúcho valente e de seu fiel escudeiro, o Cavalo.

Hall (2006) define conceitos do sujeito sociológico, dizendo que a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade. Partindo dessa definição, o indivíduo começa a estabelecer uma identidade imaginada construída por relações,

ou seja, nesse universo simbólico de tentar manter-se como indivíduo forte e aguerrido, a figura do gaúcho vai se construindo por meio das letras das músicas nativistas. A seguir, apresentamos algumas letras nativistas para problematizar a construção social do sujeito³. Em algumas letras de músicas tradicionalistas, aparece a presença do sexismo, machismo em sua construção social. Por exemplo: “Não chora, minha china veia, não chora, me desculpe se eu te esfolei com as minhas esporas⁴”.

No tocante à homofobia, vemos sua presença nesta letra: “Xou égua que coisa séria este mundo tá mudando. É o bugio roncando grosso e o xiru desmunhecando [...] tem guasca que adora saia, se escondendo nas bombachas⁶”. Apresentamos como exemplo as letras de músicas tradicionalistas que trazem o machismo, sexismo e a homofobia muito presentes. Nosso objetivo em problematizar essas letras não tem cunho generalista, mas, sim, analisar como se constroem sistematicamente as ideias de um grupo. Nesse cenário, temos uma construção imaginária do poder do macho, e isso repercute por gerações. Entendemos, à luz da concepção de Hall, que as comunidades imaginadas são perpetuadas pela memória do passado, ou seja, “[...] são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo unificadas apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural” (2006, p. 62).

Até o presente momento, problematizamos alguns pontos expostos por Hall (2006) no que se refere à construção imaginada da cultura gaúcha. Com base na obra citada, procuramos concatenar os conceitos do autor com as conjunturas culturais do RS. Colocamos em destaque a construção do imaginário do gaúcho como homem valente e aguerrido, a sua cultura do chimarrão, a música tradicionalista, a figura das minorias como forma de estabelecer o *habitus* sobre os indivíduos.

³ Nesse momento buscamos problematizar as letras nativista de cunho sexista e homofóbico, com o objetivo de provocar a reflexão, esse trabalho não tem por objetivo refletir sobre as letras nativista, por mais que seja de suma importância. Este trabalho visa apresentar a construção imaginaria da cultura gaúcha.

⁴ Fonte: <https://www.letras.mus.br/garotos-de-ouro/nao-chora-minha-china-veia/>. Acesso em: 09 jul. 2020.

⁶ Fonte: <https://musicatradicionalista.com.br/musica/11604/letra-bugio-machista.html>. Acesso em: 10 jul. 2020.

Consoante ao exposto, entendemos que *habitus* refere-se a um processo em que o indivíduo incorpora socialmente em suas estruturas objetivas, produzindo, como explica Martins (1987, p. 40):

[...] o *habitus*, enquanto produto da história, orienta as práticas individuais e coletivas. Ele tende a assegurar a presença ativa das experiências passadas que, depositadas em cada indivíduo sob a forma de esquema de pensamento, percepção e ação, contribui para garantir a conformidade das práticas e de sua constância através do tempo.

Segundo Almeida, para Bourdieu:

[...] o *habitus* é formado durante a socialização do indivíduo, desde o seu relacionamento familiar, sua primeira educação, passando pela escola, religião, trabalho – todos os meios que, enfim, irão contribuir para a formação do indivíduo em determinado contexto social (ALMEIDA, 2007, p. 142).

Procuramos apresentar o conceito de *habitus* por entender que a construção histórica do indivíduo não ocorre no vazio, mas em relações. Partindo disso, perguntamos: *quais são os mitos fundacionais no Rio Grande do Sul?* Para responder a esse questionamento, vamos nos deter ao conceito que Hall (2006, p. 50) apresenta:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos.

A história da cultura gaúcha foi construída no decorrer de seu tempo, construída individualmente e socialmente a partir da corrente Positivista que exaltava os feitos heroicos do povo gaúcho. Inicialmente, é preciso destacar que essa corrente positivista de Comte serviu para analisar um Rio Grande do Sul no final do século XIX e meados do século XX, quando se pensava na historiografia positivista, logo é comum ouvir que essa corrente traz uma análise factual, cronológica, nacionalista, edificando os grandes líderes políticos da história. Claro que nosso pleito, neste trabalho, não é fazer uma análise profunda do positivismo como forma de construir as figuras mitológicas do RS, mas, sim, usar como referências para exemplificar como esse mito que se construiu sobre os

personagens políticos do RS, que até nos dias atuais se veem fortes nas memórias do povo gaúcho. Nesse cenário do indivíduo, temos em Castells (2000): “Não temos conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas que em alguma forma de distinção entre o eu e o outro, nós e eles” (CASTELLS, 2000, p. 22).

No tocante ao mito fundador, Hall (2006) destaca que :

Uma estória que localiza a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional num passado tão distante que eles se perdem nas brumas do tempo, não do tempo ‘real’, mas de um tempo ‘mítico’. Tradições inventadas tornam as confusões e os desastres da história inteligíveis, transformando a desordem em ‘comunidade’ [...] e desastres em triunfos. Mitos de origem também ajudam povos desprivilegiados a ‘conceberem ‘e expressarem seu ressentimento e sua satisfação em termos inteligíveis (Hobsbawn e Ranger, 1983, p.1). Eles fornecem uma narrativa através da qual uma história alternativa ou uma contra narrativa, que precede às rupturas da colonização, pode ser construída. Novas nações são, então, fundadas sobre esses mitos (HALL, 2006, p.54-55).

Como dito anteriormente, vamos buscar nas referências do Positivismo as conjunturas de análise do mito fundacional no RS, atendo-nos à perspectiva da construção da figura política do gaúcho para poder construir um entendimento do mito fundacional.

Iniciamos com essa citação de Hall (2006):

Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas logo que produz sentidos – um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu ‘poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade’ (HALL, 2006, p. 46 *apud* SCHWARZ, 1986, p. 106, grifo do autor).

Segundo Hall (2006, p. 51, grifo do autor), “As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentido com os quais podemos nos identificar, constroem identidades”. No cenário da literatura gaúcha, temos muito presente a figura dos heróis farroupilhas, como, por exemplo, Bento Gonçalves. Nessa construção de identidade heroica, será que Bento Gonçalves foi mesmo herói?

O Historiador Tau Golin (1983), em sua obra *Bento Gonçalves: herói ladrão*, aponta para outra análise da historiografia tradicional. Traz, em sua obra, uma outra interpretação da figura do general farroupilha.

Somente pela estimativa desses dois documentos, há a indicação precisa que Bento Gonçalves da Silva roubou e contrabandeou explicitamente 21.600 cabeças de gado, além de mais quatro tropas sem citação do número de animais (GOLIN, 1983, p. 35).

Entendemos que, na obra do historiador Golin (1983), a proposta foi de cumprir um papel desmitificador da figura do herói. No entanto, Bento Gonçalves foi “[...] eleito o maior símbolo do Estado pelas elites dominantes, e foi purificado ao máximo” (GOLIN, 1983, p. 17-18). Vejamos que, na construção da identidade mítica ou, como cita Hall (2006), da Tradição inventada, as construções do imaginário vão se consolidando a partir das memórias das elites e dos esquecimentos dos vencidos, ou seja, “Tradição inventada significa um conjunto de práticas de natureza ritual ou simbólicas” (p. 53). Como essa Tradição inventada foi se fortificando nas raízes culturais do povo gaúcho? Golin (1983) traz a reflexão sobre *A ideologia do gauchismo*, em que busca compreender o fenômeno ideológico que perpassa a estrutura cultural e social das elites gaúchas final do século XIX. Cita a sociedade Parthenon Literário, de Porto Alegre, como pilar dos fundamentos do gauchismo, na concepção do mundo da elite rural:

A sua mistificação serviu satisfatoriamente à oligarquia, quando particularizaram o discurso absorvendo a linguagem popular [...] efetiva o transplante ideológico à totalidade da população [...] percebendo as vantagens do mito, as novas elites urbanas dele se apropriam e o promovem através de seus aparelhos ideológicos, o folclore, a literatura, a historiografia, a poesia (GOLIN, 1983, p. 23).

Entendemos, à luz de Hall (2006), que esse cenário representativo da cultura do mito fundacional está dentro de uma estória que localiza a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional, não do tempo real, mas de um tempo mítico (HALL, 2006).

Nesse sentido, é possível que a ideia de comunidade imaginada possa ajudar a compreender a construção do mito fundacional no RS? Acreditamos que sim, pois o ideário nacionalista e a noção de pertencimento, carregados na cultura gaúcha, vêm acompanhados de um conjunto de símbolos, por exemplo, nos Partidos Políticos, Religião e até Torcidas Organizadas de clubes de futebol. Esse cenário de construção simbólica no RS, portanto, vem carregado de sentimentos nacionalistas.

Nesse aspecto, podemos conceber que, além de pertencermos a uma nação, que seria a identificação mais abrangente, podemos nos identificar com diversos outros grupos, pois o indivíduo pós-moderno é fraturado, possui diversas formas de se identificar e de se “inserir” no mundo. Partidos políticos, religiões ou até mesmo torcidas organizadas são grupos que mobilizam símbolos de identificação e criam identidades no espaço micro, se comparados ao processo de identificação da cultura nacional.

A tradição inventada proposta por Hobsbawn e Ranger diz que:

A Tradição inventada significa um conjunto de práticas [...], de natureza ritual ou simbólica, que buscam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, a qual, automaticamente, implica continuidade com um passado histórico adequado (HOBSBAWM; RANGER, 1983, p .1).

Podemos identificar essas características tanto em partidos políticos, religiões e até em torcidas organizadas. Em partidos políticos, temos os valores da linha ideológica que o partido segue (conservadora, liberal, progressista...). Em torcidas organizadas, temos as simbolizações através da repetição (cânticos, lemas, gritos, hinos...); em religiões, temos valores, rituais simbólicos que tentam se ligar ao passado, etc.

Existiram, no cenário político gaúcho, duas correntes fortes partidárias que originaram vários partidos atuais. O Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), liderado por Júlio de Castilhos, e o Partido Federalista (PF), liderado por Gaspar Silveira Martins, ambos traçaram uma disputa por poder que originou a Revolução Federalista (1893-1895), os quais, de certa forma, dividiram famílias, amigos, cidades: ou era Chimango, ou Maragato, destacando como exemplo esses Partidos e suas simbologias. Nessa relação território-identidade, nascer no RS é como já saber em qual partido vai estar, religião e time de futebol, essas características são fortemente trabalhadas pelas famílias “tradicionais” gaúchas.

Para tanto, manter essas memórias como forma de pertencimento à cultura gaúcha vai se construindo com o processo de pertencimento ao espaço onde se vive. Entendemos, conforme Hall (2006, p. 53), que “A identidade nacional é representada como primordial – ‘está lá’ na verdadeira natureza das coisas”. Hall nos esclarece que as identidades nacionais são representadas como primordiais,

uma vez que os elementos essenciais do caráter nacionalista permanecem imutáveis diante das conjunturas da história. Nesse ponto, entendemos que a construção da identidade de pertencimento, símbolos e representações, construídas no decorrer de sua história vão se materializando nas narrativas tradicionais da elite nacional. Hall (2006) pondera, sobre a identidade nacional, que muitas vezes é baseada na ideia de um povo, mas, na realidade, é raramente esse povo que persiste ou exercita o poder, ou seja, durante anos de história política do RS, somente as elites dominantes chegaram ao poder. Ambos os partidos do RS, nascidos nas raízes históricas do PRR e PF, almejam o poder, usando como massa de manobra as minorias que lutam por justiça social.

Acerca da comunidade imaginada, Hall (2006, p. 58) conceitua da seguinte forma “[...] comunidade imaginada: as memórias do passado, o desejo por viver em conjunto; a perpetuação da herança”. Partindo disso, no cenário do RS, há presença muito forte de clubes de futebol, principalmente situados na capital do Estado, que carregam uma forte cultura imaginada.

No RS, os dois maiores clubes são o Sport Club Internacional (1909) e o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre (1903). Ambos carregam, em sua historicidade, um conjunto de símbolos e representações sociais. O futebol sempre foi restrito às elites (REIS, 2006). A disputa entre esses dois times se deu além dos campos de futebol. Na historiografia desses clubes, o Grêmio não permitia a associação de negros e de pessoas de classe baixa. Já o Internacional permitia o ingresso de negros e de pessoas de classes baixas, ou seja, dentro desse cenário de construção social, o Grêmio pertencia à elite branca, enquanto o Internacional era visto como o Clube do Povo.

A diferença entre Grêmio e Internacional tornou-se mais acentuada, visto que o segundo já aceitava negros em sua equipe; embora o primeiro já não fosse mais uma associação – exclusivamente germânica - [...] mantia sua imagem de clube de elite, sem procurar se popularizar, tal como o rival (CARDIA, 2009, p. 32).

Nosso objetivo, neste texto, não é fazer uma análise historiográfica dos clubes gaúchos, mas, sim, problematizar através do entendimento cultural de Hall (2006) as comunidades imaginadas que vão se fortalecendo frente à construção social dos clubes. À luz de Hall (2006), podemos trazer as provocações biológicas

sobre raça, entendida, como cita o autor, por definições culturais “[...] as quais possibilitam que a raça desempenhe um papel importante nos discursos sobre nação e identidade nacional” (p. 63).

Como proposta de análise, apresentamos um recorte da historiografia dos clubes como forma de demonstrar a construção de uma comunidade imaginada frente a questão: racismo. Para tanto, poderíamos usar outras formas de análise para contextualizar os clubes de futebol na perspectiva da comunidade imaginada, no entanto o tema racismo sempre foi presente nos clubes e torcidas de todos os times de futebol. No entendimento de Hall (2006):

Enfrentamos, de forma crescente, um racismo que evita ser reconhecidos como tal, porque é capaz de alinha ‘raça’ com nacionalidade, patriotismo e nacionalismo. [...] constrói e defende uma imagem de cultura nacional-homogênea na sua braquidade. [...] Este é um racismo que responde à turbulência social e política da crise (HALL, 2006, p. 64 *apud* GILROY, 1992, p. 87, grifo do autor).

Para tanto, a identidade está profundamente envolvida no processo de representações. No primeiro ponto de discussão, trabalhamos com o conceito de comunidade imaginada e seus mitos fundacionais. Buscamos problematizar a cultura gaúcha por meio da construção histórica que ao decorrer de sua produção foram se “solidificando” nas estruturas culturais do povo gaúcho, como sendo de “tradicional” e não “apropriada” ou modificada. Destacamos os seus heróis e o mitos criados, a cultura musical e as representações de sexismo e machismo que as letras musicais carregam, que de certa forma, fortalece a cultura machista. Falamos também sobre os maiores clubes de futebol do RS e a sua construção sócio histórica, apresentamos os partidos políticos e suas ramificações. Buscamos, nessa primeira parte, por meio de algumas provocações, problematizar o cenário cultural gaúcho. Temos clareza que esta escrita não se encerra com essas provocações, uma vez que o cenário cultural gaúcho tem para pesquisar.

Para o segundo ponto, vamos discutir a cultura gaúcha no processo de globalização, por meio dessas provocações: quais produtividades da Globalização estariam “contaminando” a cultura gaúcha? Ou é a cultura gaúcha que “contamina” outras culturas?

3 A GLOBALIZAÇÃO NA/DA CULTURA GAÚCHA: SEGUNDA PROVOCAÇÃO

A globalização, que põe o mundo em interconexão e torna as identidades “fluídas”, “híbridas”, certamente afeta a cultura gaúcha, assim com a cultura gaúcha afeta outras culturas. Conforme a reflexão de Hall:

Os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de ‘identidades partilhadas’- como ‘consumidores’ para os mesmos bens, ‘clientes’ para os mesmos serviços, ‘públicos’ para as mesmas mensagens e imagens - entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras no espaço e no tempo (HALL, 2006, p. 74, grifos do autor).

Como iniciamos nossas reflexões sobre as identidades nacionais, vamos destacar a provocação de Hall (2006, p. 69), que diz: “Que impacto tem a última fase da globalização sobre as identidades nacionais?”. Como apresentamos anteriormente, as identidades nacionais foram sendo construídas no cenário gaúcho no decorrer de sua formação histórica. No entanto, quando estudamos o processo cultural do RS, deparamo-nos com as relações do Tradicionalismo, e isso nos remete a entender esse processo de cultura “rural” e das “elites rurais”: de que forma se construiu essa apropriação cultural entre a cultura que outrora era denominada popular e aos poucos foi se transformando em uma cultura elitizada? Ou como a produção cultural gaúcha começou a fazer parte do povo gaúcho e não somente manutenção de símbolos gaúchos? Como músicas, vestimentas, CTGs, eram vistos como a “legítima” cultura gaúcha, excluindo o Hip Hop. Funk, Rock produzidos no território gaúcho, como cultura gaúcha? Podemos destacar, à luz de Hall, que a globalização é um complexo de processos e de mudanças sobre as identidades nacionais. O autor (2006) traz a ideia de que o tempo e o espaço são coordenadas básicas ao sistema de representação na globalização, e que toda essa representação, como escrita, pintura, desenho, estão em processo de mudança em seu tempo, ou seja, “diferentes épocas culturais tem diferentes formas de combinar essas coordenadas espaço-tempo” (p. 70).

Entendemos, de acordo com Hall, que, no cenário cultural gaúcho, o processo tempo-espaço significa uma ruptura de paradigmas. Podemos citar um exemplo de reflexão muito emblemática no cenário cultural gaúcho. Exemplo: os vestidos de prenda que as mulheres usam nos CTGs, são nitidamente

europizadas, ou seja, uma cultura apropriada da França. Certamente esses vestidos não eram usados pelas mulheres do meio rural. Para Hall (2006, p. 70): “Toda as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos”. Assim, as tradições inventadas ligam o passado e presente, em mitos de origem que projeta, o presente de volta ao passado (HALL, 2006).

Nesse sentido, podemos pensar que a cultura gaúcha pode “transitar” por outros lugares, assim como outras culturas podem “penetrar” e, de alguma forma, serem assimiladas pela cultura gaúcha. Para citar alguns exemplos, podemos imaginar que o “mate” e o “churrasco” tipicamente gaúchos, atualmente, possam ser hábitos em outros lugares do Brasil e até do mundo. Por meio do marketing e do mercado global, produtos, costumes, itens podem ser “transportados” e consumidos em qualquer lugar do globo. Nessa perspectiva, a cultura gaúcha teria potencial para “contaminar” outras culturas. O caminho inverso também é verdadeiro. Podemos notar que diversos elementos são “atualizados” em diversas culturas, inclusive, na gaúcha. Negros fazem parte da cultura gaúcha dita “tradicional”? Hoje em dia, sabemos que, ao longo do debate historiográfico, os negros foram tomando seu lugar na história e na narrativa do povo gaúcho, como, por exemplo, Massacre de Porongos, a participação dos negros na Revolução Farroupilha. A globalização e a sociedade “consumista” global já alteram profundamente a forma como o gaúcho se veste, come, faz seus rituais simbólicos, etc. Se entrássemos num CTG há vinte anos, certamente notaríamos muitas diferenças em diversos aspectos que vemos hoje em dia. Acreditamos que a globalização põe em movimento diversos aspectos que alteram todas as culturas, fazendo com que elas produzam uma “simbiose” de trocas culturais. Um japonês pode praticar e produzir aspectos da cultura gaúcha, assim como nós, brasileiros, podemos produzir e agir de forma considerada cultura japonesa. Essa fantástica relação é fruto da globalização e a percepção que estamos, de fato, interconectados uns com os outros no mundo, e as distâncias não são mais um impedimento para troca cultural.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto procurou problematizar a cultura gaúcha como surgida em relação (oposição) à cultura nacional. Ela não apenas cabe no “teto político” da nação, mas

se forma em divergência a ela, tanto na Revolução Farroupilha (rompimento político com o Império) como em 1935 (rompimento da elite do RS com o Estado Novo). Pensamos, portanto, que diversos elementos da tradição gaúcha foram/são inventados/criados para mobilizar algum motivo político no presente. O movimento tradicionalista consolidou-se em 1966, mas suas raízes datam de 1935 no centenário da Revolução e do rompimento com a elite nacional de Vargas. Nesse sentido, entende-se o patrocínio do governo do Estado para reforçar a identidade gaúcha peculiar e todos os aspectos que envolvem ela, em contraste com o resto do Brasil. O tropeiro, o farrapo, o gaúcho/gaúcho são elementos da cultura do sul em geral, da cultura da vida nos campos e do pampa. Essas características estão presentes em diversos tipos sociais do Uruguai e Argentina.

Concluindo, consideramos o tradicionalismo gaúcho inventado e direcionado para um fim político, seja outrora pela elite do charque, seja na modernidade pela elite do Estado.

Independente dos motivos, a cultura gaúcha ressalta um contraste, por vezes, oposição à cultura nacional, daí vem o termo que o gaúcho é o povo mais “bairrista” do Brasil, orgulhoso em excesso em relação a sua terra. Mesmo que o bairrismo gaúcho seja o maior do Brasil, não conseguiremos nos desvincular da cultura nacional.

Todo esse processo histórico que apresentamos, em que destacamos as conjecturas culturais gauchescas, nos âmbitos tradicionais, e suas influências de identidade, começa se modificar com o sujeito pós-moderno, que é caracterizado como não possuindo uma identidade fixa ou permanente (HALL, 2006).

Nessa complexidade da cultura gaúcha, temos que analisar que o processo de identidade é resultado da mistura de diversas outras culturas, as indígenas, africanas, portuguesa, italianas, espanholas, alemãs e dentre tantos outros que formaram o território do RS, essas pluralidades nos remetem ao conceito de Canclini (1997) em relação ao hibridismo.

Pensar na figura do gaúcho remete-nos a um símbolo de identidade. A imagem de um homem aguerrido e forte, sem medo: mas de que gaúcho estamos falando? Da imagem do Laçador, do gaúcho pampiano, ou do Bom Fim.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Lenildes Ribeiro Silva. Pierre Bourdieu: a Transformação Social no Contexto de “a Reprodução”. **Revista Inter Ação**, v. 30, n. 1, p. 139-155, 2007. Disponível em <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/viewFile/1291/1343>.
- ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- BRIGNOL, Liliane Dutra. Uma estância revisitada: a consolidação de uma comunidade imaginada e a dinâmica da produção aos usos em um site pessoal sobre cultura gaúcha. PUCRS. **IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom**, 2004.
- CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CARDIA, Rodrigo de. **Jean Marie, o Brasil vai até o Chuí: Futebol e identidade “gaúcha” nas páginas da Folha Esportiva (1967-1972)**. 2009. Monografia (Graduação em História) – IFCH, UFRGS, Porto Alegre.
- GOLIN, Tau. **Bento Gonçalves: herói ladrão**. Santa Maria LGR Artes Gráficas. 1983.
- _____. **A ideologia do gauchismo**. Porto Alegre: Tchê!, 1983.
- HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no Nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MARTINS, C. B. Estrutura e ator: a teoria da prática em Bourdieu. **Educação & Sociedade**, São Paulo, v. 9, n. 27, p. 33-46, set. 1987.
- MENEGAT, Carla; ZALLA, Jocelito. História e memória da Revolução Farroupilha: breve genealogia do mito. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 31, n. 62, p. 49-70, 2011.
- OLIVEN, Ruben G. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- REIS, Heloisa dos. **Futebol e violência**. Campinas: Editora Armazém do Ipê, 2006.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.